

17-5-81

# O som nosso de cada dia

## CALOU-SE A VOZ DO

## TERCEIRO MUNDO NO "ROCK"

Tárik de Souza

**N**O inexpugnável circuito musical anglo-americano, o chamado Terceiro Mundo sempre entrou com a matéria-prima. Basta lembrar os ritmos latinos, em especial provenientes do Caribe, que Hollywood exportou para o mundo. Ou o calipso e o cha-cha-chá, confundidos com o selo de rock'n roll. Ou ainda a exotização de Carmem Miranda. Tudo serviu de ingrediente, combustível, para mover a engrenagem. Tal como se troca o óleo, foi-se trocando de país, gênero e ritmo influente, num cenário onde o **show must go on**, custe quanto custar. A bossa nova, em plena industrialização brasileira, quase obteve a palma: exportou seu próprio refinado, ao invés de óleo cru, mas a deficiente organização administrativa deixou os bossadólars na mão dos distribuidores. Falsificou-se à vontade o produto, que acabou caindo no descrédito.

Com o reggae jamaicano, no começo, aconteceu a mesma coisa. O primeiro ídolo do setor, o pioneiro Jimmy Cliff, passou de tudo; veio até parar no Brasil numa das edições do mirabolante Festival Internacional da Canção, inventado pelo mago janista Augusto Marzagão. Foi Bob Marley, jamaicano de Rhoden Hall falecido esta semana de câncer no cérebro, quem impôs o reggae ao circuito internacio-

nal. No vácuo da discoteca entrou o ritmo concêntrico natural da Jamaica, mais ortodoxo nas vozes de Marley e Cliff e um tanto estilizado pelo também vigoroso Peter Tosh.

"Exodus, movimento do povo de Jah/ abra os olhos e veja através das aparências / você está satisfeito com a vida que leva? / nós sabemos onde vamos / sabemos de onde viemos / estamos deixando Babilônia / para ingressar na terra do Pai". Esses versos são de Exodus, LP de Bob Marley e seu grupo The Wailers que acaba de ser relançado no Brasil. Uma gravação que reforça as características básicas do reggae: o misticismo participante e ativista de quem crê numa divindade (Jah) concreta e palpável, a pátria mãe, hebraica, negra, perdida, mas recuperável. Lançado originalmente em 1977, o épico Exodus recicla os temas básicos do reggae, um movimento socialista que conseguiu difundir suas idéias através dos amplificadores capitalistas do show bizz. Marley pagou o preço num atentado nunca devidamente esclarecido em seu país. O tom reivindicatório da maioria das músicas impediu uma propagação maior nos EUA, pátria das facilidades sociais, conforme bem definiu a cantora Joan Baez, em entrevista a Eric Nepomuceno, na Veja: "Há uma espécie de inconsciência com relação a tudo nos Estados Unidos. Creio, por exemplo, que nem o mais pobre de todos os pobres americanos tem uma

idéia, mesmo que aproximada, do que seja a verdadeira pobreza".

Ultimamente as lamúrias do reggae provocavam a ira de muitos críticos do circuito anglo-americano e, para não perder o importante canal conquistado, Marley adocicou seu estilo que ressurge na robustez de Exodus.

A penetração de sua música no Brasil deu-se sempre por outras vias. O cover simpático de Eric Clapton com I Shot the Sheriff ou a reciclagem de No Woman No Cry, tornada Não Chore Mais, um dos hinos da anistia, por Gilberto Gil. Para muitos, Marley e o reggae vieram na contramão das influências desagregadas — coincidentemente, Anastácia, no recém-lançado A Fulô do Forró, ironiza-o em sua composição Onda Diferente, comentando o parentesco do reggae com o xote nordestino. A dupla Chico Evangelista-Jorge Alfredo tornou enjoativo o gênero, numa mal-acabada ponte Jamaica—Salvador, com Rasta-pé, concorrente do MPB-80, da TV Globo. De modo geral, o reggae não pegou no Brasil, com exceção de alguns Estados nordestinos, onde entrou como um gênero periférico, asseverando o distanciamento cultural que o país costuma manter com as culturas vizinhas.

Hoje, Bob Marley será enterrado na Jamaica, não se sabe se com as devidas honras, já que é opositor do atual regime. Sexta-feira, a mãe do cantor celebrou um ofício religioso em sua casa, na Flórida.

## EM CARTAZ

**O** inafastável espectro de Woodstock vive rondando o rock tupiniquim. Hoje, durante a tarde e a noite, com promoção da Rádio Cultura de Belo Horizonte, o estádio do Cruzeiro espera receber 30 mil espectadores para o Festival de Rock Brasileiro, liderado por Raul Seixas.

Também para grande aglomerado de roqueiros e dançarinos, KC & The Sunshine Band despede-se amanhã, segunda, do público brasileiro, com uma exibição no Gi-gantinho de Porto Alegre.

• Seguem em cartaz: Carmem Costa e o conjunto Os Tincoãs, na Sala Sidney Miller, num espetáculo que mistura cânticos litúrgicos católicos e música de origem africana, sempre às 18h30m. Uma honraria especial para a dupla Mateus e Dadinho, estelão dos Tincoãs; sua música Cordeiro de Nanã encerra com vinheta o LP Brasil, onde cantam João Gilberto, Gilberto Gil e Caetano Veloso.

No Teatro Ipanema também continua o show de Eduardo Dusek e o seu piano de calda com ele, no horário de 21h. No Clara Nunes, a própria dona do teatro comemora no próximo dia 27 nada menos de 100 apresentações do show Clara Mestiça, conjunção dos trabalhos de Paulo Cesar Pinheiro e Mauricio Tapajós (roteiro), Bibi Ferreira (direção), Elifas Andreato (cenários), Nelsinho (direção musical). Com o sucesso, Clara segue em casa até o final de junho.

Três faces do repertório do imenso Dorival Caymmi — mar, amor e Bahia — aparecem no recital Uma Noite com Dorival Caymmi, com Lígia Diniz (voz), Werther Vervloet (violão) e Virginia Van Der Linden (flauta). Sempre às quartas e quintas às 22h30m no Cabeça Feita de Ipanema. (Barão da Torre, 665).

• Hoje, domingo, a 1ª Feira do Disco Independente, promovida pelo Sesc, está na sede da entidade na Tijuca. De sexta a domingo, ela será instalada no Sesc de Três Rios, com participações e presenças de Jota Moraes, Aline, Jaime Alem, Mário Negrão, Grupo Maria Déia, Cassio Tucunduva, Francisco Mário, Rogério Maranhão, Claudio Latini, Paschoal Meireles e a recente adesão de Emilinha Borba, com os respectivos discos independentes a tiracolo.

• A convidada da Noitada de Samba desta segunda no Tereza Rachel é a cantora Eliana Pitman. No seis e meia do João Caetano encontram-se o samba exaltação de Jorge Goulart e o samba paulista de Isaura Garcia, numa especialíssima homenagem ao compositor carioca Custódio Mesquita, autor pouco lembrado a despeito de seu repertório excelente. Custódio é tio do diretor do show, Albino Pinheiro.

• Dentro da série Debate Cultural, do Centro Educacional Calouste Gulbenkian, no Teatro do Centro (Benedito Hipólito, 125), a próxima quarta-feira será reservada ao tema Música (Popular e Erudita). Com a palavra Ailton Escobar, Sérgio Cabral, Francis Hime e Ricardo Takushian. Anexo, uma feira de apresentações.

• A partir de quarta, na série instrumental da Sala Sidney Miller, o Sexteto Brasil Concerto apresenta sua refinada qualidade de formação erudita e popular: Jaime Araújo (flauta e sax alto), Clovis Timotheo (clarinete e sax-soprano), Moacyr Marques (clarone e sax-tenor), Braz Limonge (oboé e corne inglês), Alberto Arantes (viola e cavaquinho). Além de sexteto, quinteto de madeiras, dois trios, etc. O que não muda é o horário do show — sempre às 21h — e o preço do ingresso, Cr\$ 150, apesar da inflação. Prestígio a música instrumental brasileira.

• Quem toma a próxima barca das sete — show grátis ao ar livre na Praça Araribóia, em Niterói todas as quintas-feiras, 19 horas — é a cantora Fabíola e seu grupo.

• Depois de bem sucedida apresentação pelo país com Erasmo Carlos e Sérgio Sampaio, as Frenéticas ressurgem no Noites Cariocas do Morro da Urca, sexta e sábado que vêm.

• No sábado e no domingo o grupo Matéria Prima e Alfredo Karam, com a participação de Juca Filho, são as atrações do Parque Lage, às 21h30m. O Matéria Prima e Juca Filho costumam apresentar-se nos shows do conjunto Boca Livre.

• Sábado próximo, a partir das nove da noite, pacífica concentração pela energia alternativa, no Conclave de Sol, Parque do Flamengo, Aterro da Glória. Em cerca, numa vigília de 24 horas, pela parte musical: Erasmo Carlos, Jards Macalé, Angela Rô Rô, Geraldo Azevedo, Jorge Mautner, Zizi Possi, Sérgio Sampaio, Eduardo Dusek, El-

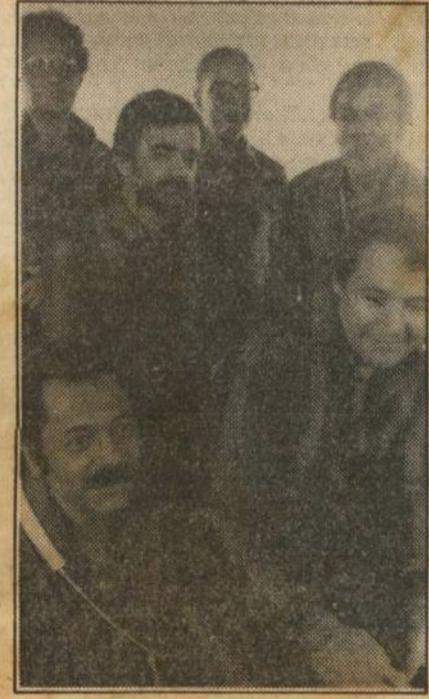
za Maria, Lourenço Baeta, Toninho Horta, Paulo Moura, João Bosco, Lecl Brandão e muitos outros.

• Bola de cristal. A próxima estréia do Canecão, dia 3 de junho, é de Ney Matogrosso. Ele conta com três bailarinos, três sopros e os músicos que o acompanham habitualmente: Jorjão (teclados), Pedrão (baixo), Pisca (guitarra), Gerson (teclados, percussão), Chacal (percussão), Sergio del la Monica (bateria). Assina a direção Amir Haddad, a parte musical fica com Cesar Mariano e os cenários são de Marcos Flacksman.

• No mesmo mês, despida da roupagem cênica do maior sucesso do show-bizz nacional — Gal Tropical — a cantora Gal Costa vai para o Canecão a bordo do espetáculo Fantasia.

• Com uma palestra semanal, a Escola de Artes Visuais da Secretaria de Educação do Estado discutirá, a partir de 1º de junho e até 23 de novembro, A mulher na última década. Sempre às segundas, das 14 às 16h, os debates, logicamente, abordam também a participação feminina na música. Com a palavra, a cantora, compositora e instrumentista Joyce.

• Na primeira quinzena de junho, provavelmente, a TV Globo lança um programa de música regionalista, Som Rural. A transmissão seria aos domingos, sob o comando de uma autoridade na matéria, o compositor, ator e intérprete Rolando Boldrin.



Sexteto Brasil  
Concerto: refinado

## ACONTECE

**M**ILTON Nascimento trabalha com o Bispo e poeta D Pedro Casaldáliga, e com o poeta Pedro Tierra, na Missa dos Quilombos, marcada para 22 de novembro no Recife, na primeira celebração. Ela será presidida pelo Arcebispo de João Pessoa, D José Maria Pires, o D Pelé, único Bispo negro do país. Os cocelibrantes serão D Hélder Câmara e D Pedro Casaldáliga.

Milton também é parceiro de Francis Hime em três canções novas. Trechos:

- 1) O Farol: "Velo por teu sono, companheira, companheiro/ e te prometo um poema amanhecer/ te esperei por minha vida inteira/ um poema de Vinícius/ (...) o farol do som da bossa nova/ minha escola, meu sentido."
- 2) Sonho de Moço: "Pensam que não vale mais eu vir cantar / rumos de povo, coisa e tal / e sonhos de moço, pensam ser devagar / morreram com quem já não é."
- 3) Homem Feito: "Os rostos chegavam, se confundiram / e meu grande amigo se transformou em fé / trouxe meu fantasma que era vivo / que tanto ensinou a fazer o ofício / do afeto, a procura e o despertar."

• Em fase final de gravação do novo LP da cantora/autora Fátima Grunjes. A produção é de Renato Correa, arranjos de Gilson Peranzetta, Eduardo Souto Neto e Luiz

Avellar, capa de Elifas Andreato. Fátima compôs especialmente para a cantora Simone a faixa Eu em que as duas contracantam: "Estrela não tem luz própria / quase ninguém sabe disso / eu sinto muita saudade / do brilho dos meus amigos / sinto falta de você / se eu pudesse querer / queria você comigo." Arco as outras, a própria autora destaca Anteo-Iris, que fala em fada, amor, lenda, anãozinho e jardim. "Um negócio mágico e muito leve."

• Três mulheres arrebatarem o hit-parede americano. Kim Carnes é a 1ª classificada, segundo a revista Billboard, com Bette Davis Eyes. Juice Newton transformou-se no maior destaque da Record World com Angel of the Morning. Sheena Easton ocupa o 1º da Cashbox com Morning Train (Nine to Five). Define-as o conglomerado Capitol/EMI-America/Liberty, proprietário dos três contratos milionários: "Kim Carnes é um Rod Stewart feminino, voz rouca, sensual e irresistível; Juice Newton, americana de Virgínia, faz um rock com sabor de country e balanço; Sheena, escocesa, é um sucesso repentino e fulminante, tem sido comparada a Olivia Newton-John."

• Sambista de São Paulo lançado com Deixa Isso pra Lá, o popular "samba da mãozinha", Jair Rodrigues dedica-se alternadamente ao gênero seresteiro, que parece em ascensão novamente. No volume dois de Seresta Brasileira, Jair incluiu desde O Ébrio, de Vicente Celestino (1894-1968), clássico da ópera nacional, ao paulistano Rapaiziada do Brás, do esquecido Alberto Marinho (1902-67), sem contar Velho Realejo (Custódio Mesquita-Sady Cabral), Sertaneja (René Bittencourt), Revendo o Passado (Freire Junior) etc.

• Dois momentos do rock brasileiro. Aos 20 anos de carreira, o conjunto de baile/show/disco Renato & Blue Caps lança um novo LP com a participação vocal de Zé Ramalho na faixa Mr. Tambourine Man, tributo a Bob Dylan, a quem muito deve o cantor nordestino. O disco de Renato será lançado no Fantástico, com depoimento de vários artistas direta ou indiretamente ligados ao grupo, como Fagner, Roberto Carlos e Wanderléa.

Após oito anos de estrada, ao longo dos quais realizou aproximadamente 150 concertos pelos Estados do Rio, Espírito Santo, Minas e Goiás, Flávio Rodrigues e seu grupo Spirito Santo colocam na rua um LP independente com o selo MU. Fundado pelo capixaba de Vitória, Flávio Rodrigues, 32 anos, compositor de todas as músicas, cantor, guitarrista e gaitista, o Spirito Santo é formado atualmente por Marcos Viata (guitarra), Jorge Varela (baixo), Peninha (bateria) e Julio Vilani (teclados).

• Mario Avelar começou na guitarra, perseguindo o som beatle num conjuntinho de rock na década de 60, e teve uma canção, Bem te vi, gravada por Marília Pera. Agora sai em disco independente com parcerias da dupla Lull e Lucinha e participações especiais de Nilson Chaves (vocal), Nivaldo Ornellas (sax), Fernando Carvalho, Roberto Gnatalli e Armênio Garça (arranjos). Um disco plácido e agradável, resumido na filosofia da primeira faixa, Basta Abrir a Boca e Cantar. Curiosa a inserção de um trecho de programa radiofônico sertanejo, em Chico Bento, da Rádio Clube Três Corações, MG.

• Duas pedidas juninas firmes e fortes para quem aprecia um rojão e um forró caseiros: os LPs das cantoras e autoras Clemilda e Anastácia, inclusive parceiras em algumas faixas, no disco da primeira. Na música chamada de sertaneja, no disco de preço econômico, também as mulheres tomam do microfone. Em Varanda do Castelo, Clemilda vai de quadrilha (São João em Quixadá, Fole do Zé), forró (O Homem que Mora no Mar, Forró Casamenteiro, A Bolinha), reissado (Reissado a São José), xote (Casinha Triste) e até mesmo vira (Vem Cá Meu Boi) e uma rancheria sulista de Teixeira (Pobre João).

Parceira de Dominginhos em Eu Só Quero um Xodó, Anastácia, cantora e humorista (ouçam Forró dos Coroas, Pelo do Quipá e Onda Diferente), desde 54 só conseguiu reconhecimento nacional em 75, apesar de gravar com o habitual "sucesso no Norte" desde 61. A Fulô do Forró, produzido por Jorge Mello, com destaque para a sanfona de Oswaldinho, deve finalmente valer à Anastácia a atenção que merece na MPB.

• Outro som nordestino da pesada, mas na direção da música progressiva, é o resultado do encontro de Paulo Rafael (guitarra) e Zé da Flauta, no LP independente Caruá. A dupla de instrumentistas trabalha com Alceu Valença, Zé já tocou com o Quinteto Violado. Entre outros convidados instrumentistas, o substancial Caruá tem Wilson Meireles (bateria), Chico Batera (pandeiro), Anelton Santanna (baixo), Lula Cortes (tricórdio), Israel Semente (bateria), Sérgio Kyrrillos (piano elétrico). Destaque para as faixas Rebibela da Parafuseta, Zé Pia-ba, Gota Serena e Baião da Barca.